

RETRATO DO BRASIL Segundo a FGV, em 1991 8% dos paulistanos eram indigentes e, em 2000, 12,1%; no Rio, taxa foi reduzida

Proporção de miseráveis cresce 51% em SP

Origem de favela define grau de qualidade de vida

DA SUCURSAL DO RIO

A origem de uma favela pode resultar em melhor qualidade de vida para seus habitantes. O "Mapa do Fim da Fome 2" mostra que favelas como Cidade de Deus (zona oeste), criada por um programa público de reassentamento, têm mais facilidade de acesso a serviços públicos e bens duráveis do que comunidades que surgiram de invasões, como Rocinha (zona sul) e Complexo do Alemão (zona norte).

Cidade de Deus é, das cinco maiores favelas da cidade do Rio (as outras são Rocinha, Alemão, Maré e Jacarezinho), a de financiamento habitacional público mais acessível. Em 2000, 6,9% dos moradores da comunidade financiavam suas casas. Nas demais favelas, a proporção era de 1,5% em média.

Segundo o autor da pesquisa, o economista Marcelo Neri, a formalidade dos direitos da propriedade amplia o acesso ao crédito, o que explica também o maior acesso das famílias a bens duráveis de alto valor.

Nas Cidades de Deus, por exemplo, 55,4% dos moradores têm máquina de lavar. Nas quatro outras favelas, a média é de 38,3%. A renda média da Cidade de Deus é de R\$ 440, é a maior, embora o valor seja apenas R\$ 6 a mais do que na Rocinha.

"Acham que aqui só tem bandidagem"

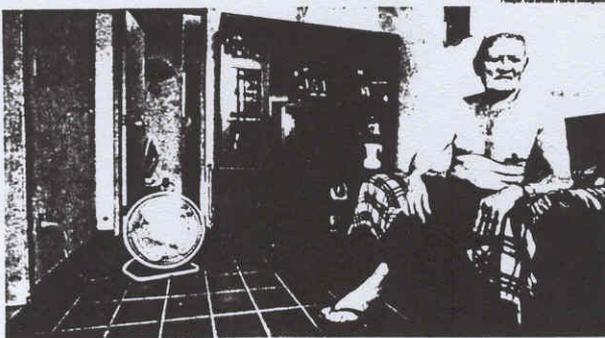
TALITA FIGUEIREDO
 DA SUCURSAL DO RIO

O aposentado Lourival Francisco de Oliveira, 80, mora desde 1967 na Cidade de Deus (favela da zona oeste do Rio). Ele faz parte dos 83% da população da comunidade que têm título de propriedade de sua casa. Segundo o "Mapa do Fim da Fome 2" da Fundação Getúlio Vargas, a média de proprietários de imóveis em outras comunidades é de 73,1%.

Oliveira comprou sua casa via financiamento do então Estado da Guanabara. "Era para pagar em 20 anos", contou. Conhecido como "prefeito", por ter sido o fundador da associação de moradores, o sapateiro aposentado disse que a escritura dá segurança. "Se o governo decidir tirar a gente daqui, vai ter que indenizar."

A FGV também mostrou que o acesso das famílias a bens duráveis de alto valor é maior na Cidade de Deus, em comparação com outras favelas. Por outro lado, é lá que se concentra o maior número de desempregados em favelas: 22,3%, contra 19,1% em média.

A Cidade de Deus ganhou notoriedade internacional ao virar filme de Fernando Meirelles. Alguns moradores, porém, reclamam que a violência retratada no cinema prejudicou a imagem da comunidade. "As pessoas acham que aqui só tem bandidagem."



O aposentado Lourival Francisco de Oliveira, de 80 anos, que desde 1967 mora na Cidade de Deus

APÓS FORTE QUESA, MISÉRIA VOLTOU A CRESCER



Fonte: FGV e Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil. Cópia feita em dados dos últimos censos do IBGE.

FAVELADO TRABALHA 5 H A MAIS POR SEMANA

Subdistrito	Horas trabalhadas por semana	Salário por hora trabalhada (R\$)	Anos de estudo dos ocupados	Salário por ano de estudo (R\$)
SUBDISTRITOS COM MAIOR RENDA*				
Lagoa	41,2	15,20	12,3	224,70
Barra da Tijuca	42,3	14,20	11,2	238,50
Botafogo	40,3	10,70	12,3	155,40
Copacabana	40,7	9,80	11,8	149,10
Tijuca	40,0	9,20	11,8	132,70
Média	40,8	11,80	11,9	180,50
Estado do Rio	43,4	3,80	8,2	89,30
SUBDISTRITOS COM MENOR RENDA*				
Jacarezinho	46	1,80	6,6	55,60
Maré	46,6	1,90	6	65,30
Complexo Alemão	45	2,00	6,1	65,20
Rocinha	45,8	2,10	5,7	76,40
Cidade de Deus	45,8	2,20	7,2	60,80
Média	46	2,00	6,2	65,90
Estado do Rio	43,4	3,80	8,2	89,30



RENDA MÉDIA DAS ÁREAS MAIS RICAS É 5,3 VEZES MAIOR

Subdistrito	Rendimento médio mensal (R\$)	Impacto da renda do trabalho no total (%)**	Taxa de desemprego (%)	Idade média	Taxa de formalidade (%)***
SUBDISTRITOS COM MAIOR RENDA*					
Lagoa	2.766	63	8,7	38,8	75,2
Barra da Tijuca	2.664	74,8	10,4	31,9	70,4
Botafogo	1.913	63,1	9,2	39,5	76,5
Copacabana	1.761	50,8	10,3	43	72,9
Tijuca	1.631	61	11,4	38,8	76,7
Média	2.145	62,9	9,9	38,3	74,5
Estado do Rio	736	68,1	17,1	31	64,5
AS MAIORES FAVELAS*					
Jacarezinho	368	76,5	21,5	29,1	67,8
Maré	395	82,1	18,2	27	67,8
Complexo Alemão	396	81,9	19,5	27,2	65,8
Rocinha	434	82	17,2	26	73,6
Cid. de Deus	440	74,7	22,3	29	71,3
Média	405	80,6	19,1	27,3	68,9
Estado do Rio	736	68,1	17,1	31	64,5

* A pesquisa abrange a cidade em 12 subdistritos (região administrativas). ** Percentual da renda do trabalho sobre o grupo de trabalho na renda dos regimes proporcional. *** Taxa de formalidade: soma de salários e salários de carteira de trabalho.

MORADOR DA CIDADE DE DEUS TEM MAIOR ACESSO A ITENS



**Dados em base percentual. Fonte: FGV e Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil de 2000

MURILLO FUZA DE MELO DA SUCURSAL DO RIO

A proporção de miseráveis cresceu 51% nos anos 90 no município de São Paulo, segundo o "Mapa do Fim da Fome 2", divulgado ontem pelo CPS (Centro de Políticas Sociais) da Fundação Getúlio Vargas em parceria com a organização não-governamental Ação pela Cidadania e com o Sesc-RJ.

Em 1991, 8% dos paulistanos eram considerados miseráveis na avaliação da FGV. Em 2000, esse percentual aumentou para 12,1%.

Em números absolutos, isso significa que, em 1991, 772 mil paulistanos viviam abaixo da linha da pobreza. Em 2000, o número de miseráveis subiu para 1,3 milhão de pessoas, uma variação de 63%.

No mesmo período, o município do Rio registrou queda no número de miseráveis. A proporção caiu de 16,36% para 12,06% em 1991 para 8,00% em 2000. Em números absolutos, eram 897 mil em 1991 e passaram a ser 780 mil em 2000.

Quem é miserável

A FGV classifica como miseráveis pessoas com renda mensal per capita inferior a R\$ 79 — valor necessário, de acordo com preços de São Paulo, para garantir a ingestão mínima de alimentos recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

"São Paulo foi a cidade que mais sofreu com a crise econômica que atingiu os centros metropolitanos brasileiros. A explosão de miséria pode ser explicada pelo aumento na taxa de desemprego", disse o economista Marcelo Neri, coordenador do CPS da FGV.

Com base em dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, o pesquisador concluiu que, entre 2000 e 2002, a miséria explodiu nos municípios das regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro.

Local de moradia é excluinte

DA SUCURSAL DO RIO

Dados do "Mapa do Fim da Fome 2" indicam que os favelados do Rio são estigmatizados no mercado de trabalho.

Com base na renda dos habitantes da favela da Rocinha, palco da recente guerra do tráfico no Estado, o estudo descobriu que um não-favelado com as mesmas características de sexo, raça, idade e nível de escolaridade ganha até 90% a mais se morar na Lagoa. Se morar na Barra da Tijuca, o não-favelado recebe 78% a mais e, em Copacabana, 74% a mais.

"Possivelmente, a origem é fator preponderante nesse caso. Para um favelado é mais difícil se inserir no mercado de trabalho. Muitas vezes, ele é obrigado a omitir sua origem para conseguir um emprego", diz o economista Marcelo Neri, coordenador do CPS.

O estudo da FGV é uma radiografia da qualidade de vida e da pobreza no Estado e no município do Rio. No Estado, as cidades mais pobres são São Francisco de Itabapoana (norte fluminense), com 44,7% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza (ganho mensal inferior a R\$ 79 per capita), e Japeri (Baixada Fluminense), com 41,7%.

A novidade é que a pesquisa analisou a pobreza e a qualidade de vida por áreas da capital do Estado, que foi dividida em 32 subdistritos. A análise permitiu a localização física das regiões com condições sociais adversas.

Os três subdistritos mais pobres

Janeiro (excluindo as duas capitais). Até então, havia uma homogeneização crescente da pobreza nas capitais e em seu entorno.

Entre 2000 e 2002, a proporção de miseráveis nas cidades vizinhas do Rio aumentou 18,25%, enquanto na vizinhança de São Paulo essa variação foi de 10,43%. Quando se analisa as capitais dos dois Estados, houve queda de 1,7% na proporção de miseráveis no Rio e um pequeno crescimento de 1,6% na capital paulista.

"Concluímos que inexistem políticas públicas de transferências de renda nos grandes centros. Grande parte da atenção do governo está voltada para os 'grótescos do país'", afirmou Neri.

O estudo revela ainda que o Brasil tem 33% da sua população vivendo como miseráveis, o que representa 56 milhões de brasileiros. Segundo o trabalho, se cada brasileiro transferisse R\$ 14,01 mensais de sua renda para os miseráveis do país, seria possível erradicar a fome. Cada miserável deveria receber R\$ 33,15 por mês, em média, para superar a linha da pobreza. Por mês, seriam necessários R\$ 2,4 bilhões para acabar com todos os indigentes do país.

Não é possível comparar os resultados do estudo divulgado ontem com os dados do primeiro mapa, divulgado em 2001. Naquele ano, a FGV apontou a existência de 50 milhões de indigentes, ou 29,3% da população. "As bases de cálculo são diferentes", afirmou o economista Marcelo Neri.

O novo trabalho também calculou o valor necessário para erradicar a fome no Estado e no município do Rio. Cada fluminense deveria transferir R\$ 7,63 por mês, em média, para cada miserável do Estado, enquanto cada carioca deveria transferir R\$ 5,89 para eliminar a miséria na cidade.

da capital são Complexo do Alemão, com 29,4% de miseráveis, Santa Cruz (27,6%) e Jacarezinho (27,4%). Os três mais ricos são Botafogo, Copacabana e Lagoa — todos com menos de 4% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza.

O estudo compara ainda as cinco regiões com mais alta renda (Lagoa, Barra da Tijuca, Botafogo, Copacabana e Tijuca) com as cinco maiores favelas do Rio (Alemão, Jacarezinho, Cidade de Deus, Maré e Rocinha).

Em comparação com os trabalhadores das áreas mais ricas, os moradores dessas favelas trabalham mais e ganham menos. A renda média mensal é de R\$ 405 ante R\$ 2.145 no assalariado. Ao mesmo tempo, a jornada semanal média de trabalho é de 46 horas nas favelas — cinco horas a mais do que das regiões de alta renda.

O estudo mostra que, em média, um trabalhador do Alemão ou da Maré ganha R\$ 2 por hora trabalhada, enquanto um ocupado da Lagoa, R\$ 11,8.

A taxa de desemprego também é maior nas favelas, chegando a 19%, ante 10% nas áreas mais ricas. Outro fator é a relação entre renda e a taxa de escolaridade. Cada ano a mais de estudo rende aos ocupados das áreas ricas mais dinheiro do que para os pobres.

Por ano, os ricos recebem mais R\$ 180,5; os pobres, R\$ 65,9. Em média, os habitantes dos subdistritos mais ricos têm 11,9 anos completos de estudo contra 6,2 nas comunidades de baixa renda.